

LUZES, CÂMERA, REFLEXÃO: a percepção do cinema enquanto elemento fenomenológico na educação

Lights, camera, reflection: the perception of cinema as a phenomenological element in education

Ana Beatriz Cargnin¹

Resumo: As produções cinematográficas são um amplo instrumento didático do professor para apresentar ou aprofundar temas estudados em sala de aula. Não há como negar que o cinema, desde a sua criação, fascina milhares de pessoas com seus personagens, músicas, efeitos especiais e histórias, quer sejam fictícias ou não. Buscar-se-á neste artigo fazer uma reflexão sobre o cinema enquanto elemento fenomenológico na educação, descrevendo a percepção de alguns autores perante os filmes. Antes de ser um instrumento de entretenimento e material didático, o cinema é uma linguagem artística que transmite uma sensação. Salienta-se que o professor não precisa ser um crítico profissional de cinema para trabalhar filmes em sala de aula, contudo, conhecer alguns elementos da linguagem cinematográfica acrescenta qualidade a seu trabalho. Foram apresentados neste artigo alguns dados históricos relacionados ao cinema, para posteriormente descrever as percepções do mesmo na escola. Refletindo a percepção que alguns autores descrevem e partindo da visão de professores e alunos sobre o uso dos filmes em educação, identificou-se a percepção do cinema como: instrumento didático, meio de relação social e sensibilizador de valores ambientais. Compreendeu-se que pela fenomenologia de Merleau-Ponty, a percepção das imagens de cinema projetadas resulta no entendimento do cinema como uma forma temporal e não uma soma de pequenos “agoras” sucessivos. A investigação de pensamentos e experiências de diversos autores a respeito do cinema na educação permitiu reconstruir diferentes percepções do emprego geral de filmes na sala de aula.

Palavras-chave: Cinema. Educação. Percepção.

Abstract: The film productions are ample teaching tool the teacher to introduce or deepen subjects studied in the classroom. There's no denying that cinema since its inception, fascinates thousands of people with their characters, music, special effects and stories, whether fictional or not. It will seek this article to reflect on cinema as phenomenological element in education, describing the perception of some authors before the movies. Before becoming an entertainment tool and teaching materials, the film is an artistic language that conveys a sense. Please note that the teacher does not need to be a professional film critic for movies work in the classroom, however, know some elements of film language he adds quality to your work. They were presented in this article, some historical data related to movies, to further describe the perceptions before the same school. Reflecting the perception that some authors describe, based on the vision of teachers and students towards the use of films in education, identified the perception of film as a teaching tool, a means of social and sensitizer ratio of environmental values. It was understood that the phenomenology of Merleau-Ponty perception of projected film images resulting understanding of cinema as a temporally and not a small sum of “nows” successive. The research thoughts and experiences of several authors about the cinema in education allowed reconstruct different perceptions of general purpose films in the classroom.

Keywords: Cinema. Education. Perception.

Introdução

Abreviação de cinematógrafo, o cinema é uma arte que, desde a sua criação, fascina as pessoas com seu conjunto de histórias, personagens e efeitos especiais. Muitas vezes, quem assiste a um filme só tem um conceito básico de sua produção, e não imagina todo o minucioso processo pelo qual o filme percorre antes de chegar às telinhas e ao gosto do público. Muitos também não fazem ideia de quanto o cinema progrediu até chegar ao estilo que conhecemos hoje. Podemos dizer que o cinema começou com uma brincadeira, ou mais especificamente,

¹Tutora externa do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas – Centro Universitário Leonardo da Vinci – UNIASSELVI - Turma BID 0283 - Capivari de Baixo-SC – Polo FUCAP. Endereço eletrônico: anabiacargnin@yahoo.com.br

com um jogo de sombras, que milhares de anos mais tarde deu origem a um aparelho chamado câmera obscura, a precursora da máquina fotográfica, que por sua vez foi fundamental para a criação do primeiro projetor de cinema. (BERGAN, 2006; GATTON, 2009).

O cinema proporcionou (e ainda proporciona) romance e escapismo, que afastava as pessoas da dura realidade, como, por exemplo, a panaceia nos anos da depressão americana e ópio do povo durante a II Guerra Mundial. Foi Hollywood, na Califórnia, a chamada “Fábrica de Sonhos”, que criou a maior parte “da matéria-prima de que eles são feitos”. (BERGAN, 2006). O referido autor ainda cita que o cinema não oferece apenas entretenimento, é também “a sétima arte”, comentando que o psiquiatra alemão Hugo Münsterberg discutiu suas propriedades ímpares e sua capacidade de reformular tempo e espaço. Através da “magia” do cinema, podemos viajar para o passado, para o período Cretáceo e se deslumbrar com os dinossauros, ou então percorrer para o futuro, onde o ser humano aperfeiçoou a tecnologia e está colonizando outros planetas.

As produções cinematográficas são um amplo instrumento didático do professor para apresentar ou aprofundar temas estudados em sala de aula. Não há como negar que o cinema, desde a sua criação, fascina milhares de pessoas com seus personagens, músicas, efeitos especiais e histórias, quer sejam fictícias ou não. Todavia, é importante que os alunos entendam o contexto de produção, para que tenham uma visão geral do filme e uma melhor abordagem crítica. Viegas (2008, p. 38) corrobora com esta afirmação ao relatar que:

O olhar e a memória intervêm de um modo decisivo no que respeita à arte cinematográfica. Na verdade, como compreender uma arte que só existe na projeção de si mesma, na saída dos seus dispositivos físicos? Os fotogramas, em si, nada têm de cinematográfico. Porém, as imagens projetadas escapam ao aprisionamento da procura do presente. O olhar constrói isso que é visto, numa relação íntima entre as diferentes dimensões temporais. Cria-se, no espectador, a impressão de realidade da projeção cinematográfica.

Partindo desse princípio, buscar-se-á neste artigo fazer uma reflexão sobre o cinema enquanto elemento fenomenológico na educação. Salienta-se que este artigo não trata de explicar ou analisar as formas como o cinema é utilizado em sala de aula, mas de descrever a percepção de alguns autores sobre o uso de filmes na educação. Antes de ser um instrumento de entretenimento e material didático, o cinema é uma linguagem artística que transmite uma sensação.

Uma breve discussão sobre a origem do cinema

De acordo com Napolitano (2013), o professor não precisa ser um crítico profissional de cinema para trabalhar filmes em sala de aula, contudo, conhecer alguns elementos da linguagem cinematográfica acrescenta qualidade a seu trabalho. Em virtude desta colocação de Napolitano, antes de refletir sobre a percepção do cinema na escola, são necessárias algumas considerações a respeito das origens e linguagens desta arte.

É notório na história da arte que o ser humano, desde a Pré-história, sempre se preocupou em registrar o que via. A prova disso pode ser encontrada nas pinturas rupestres localizadas na caverna de Lascaux, na França. De acordo com Gatton (2009), climas severos durante o período Paleolítico forçaram os ascendentes da linhagem humana a fazer cabanas e barracas rudimentares. A sobrevivência dependia da capacidade de selar estes elementos. A teoria Paleo-câmera, com base em experiências com reconstruções de tenda, assegura que pequenos buracos aleatórios nesses abrigos irregulares, coincidentemente, formaram câmaras escuras, projetando

imagens em movimento no interior dos espaços da habitação. Embora os sons do termo ‘câmera obscura’ lembrem tecnologia moderna, é nada mais do que uma câmara escura (de qualquer tamanho) com um furo (ou furos) na lateral.

Gatton (2009) ainda salienta que as pessoas dentro da barraca escura não podiam ver o animal vivo do lado de fora, mas podiam ver sua projeção do lado de dentro. Ainda que a imagem projetada fosse formada em sentido oposto ao objeto real.

A invenção da fotografia preparou o caminho para que o cinema viesse a surgir da combinação do princípio da lanterna mágica com as imagens fixadas em filme. Com a máquina fotográfica, o filme impressionável e a concepção antiga da lanterna mágica, faltava somente o movimento. (ENCICLOPÉDIA BARSA, 1981).

Em 1891, Thomas Alva Edison patenteou um instrumento conhecido como Cinestoscópio (Kinetoscope), dispositivo com visor e dentro do qual um rolo de 1,5m de filme rodava ininterruptamente. Os primeiros filmes eram de dançarinas, animais amestrados e homens trabalhando. Retrocedendo ainda mais: o filme - imagens fotográficas impressas numa base de celuloide semitransparente cortada em fitas - foi inventado por Henry M. Reichenbach para a Kodak, de George Eastman, em 1889, com base em diversas criações atribuídas aos irmãos J. W. e I. S. Hyatt (1965), Hannibal Goodwin (1888) e ao próprio Reichenbach. (BERGAN, 2006).

Apesar de ter sido possível projetar os filmes primitivos de Edison em uma tela normal de cinema, foram os irmãos Lumière os primeiros a apresentar um espetáculo como o cinema tem sido desde 1895. O Cinematógrafo (Cinématographe) exibiu, naquele ano, um programa iniciado com *Sortie des usines Lumière* (Saída das fábricas Lumière). (ENCICLOPÉDIA BARSA, 1981).

Todavia, os “pais” do cinema não estavam preparados para lidar com as possibilidades e aplicações de sua invenção, que estava sendo orientada cada vez mais para o teatro, dando ênfase na encenação. Fascinado com o aparelho dos irmãos Lumière, o mágico Georges Méliès fabricou um aparelho análogo, e transferiu seu trabalho de ilusionismo para as telas, produzindo vários filmes com efeitos especiais, atores e uma história, não registrando apenas imagens do cotidiano. (ENCICLOPÉDIA BARSA, 1981; NAPOLITANO, 2013).

É importante destacar que boa parte dos valores e das mensagens transmitidas pelo cinema não diz respeito à história do filme em si, mas à forma como ela é contada. (NAPOLITANO, 2013), transpassando por etapas como a elaboração do roteiro, produção, edição e exibição.

Desde Méliès, o cinema tem transformado a fotografia animada numa nova forma de expressão artística, a chamada Sétima Arte. Surgem as primeiras comédias, dramas, séries policiais, entre outros gêneros, e o cinema se desenvolve pelo mundo inteiro, fascinando as pessoas até nos dias de hoje.

Refletindo o cinema na educação: a percepção que alunos e professores têm das produções cinematográficas

De acordo com Viegas (2008), Merleau-Ponty proferiu uma conferência em 1945 (*Le Cinéma et la nouvelle psychologie*) na qual discutiu as questões promovidas pela psicologia de Gestalt na arte cinematográfica, em especial, a intervenção do olhar e da memória na percepção. Nesta conferência, o filósofo assegura que o cinema é uma arte fenomenológica, no sentido de que não trata de uma soma de imagens fixas, mas da percepção, em primeiro lugar, do todo. Afinal, não se pensa o filme, percebe-se. Viegas (2008, p. 40) ainda comenta que:

Com Merleau-Ponty, podemos fazer uma aproximação fenomenológica à arte cine-

matográfica. A intervenção do olhar é fundamental para a compreensão do filme projetado: sendo uma forma temporal, o filme tem de ser entendido na relação existente entre a montagem e a narrativa. Desta relação nasce a diegese, a ficção que nos dá impressão de realidade. E, através do olhar, o espectador tem acesso a uma realidade diferente, nova, que não é cópia de nenhuma situação percebida ou vivida e, apesar desta construção elaborada pelo olhar, o cinema não deve ser entendido como soma das diferentes partes.

Para Geimer (2010, p. 147), “há muitos discursos disponíveis pelos quais um filme pode ser decodificado e a interpretação varia a cada discurso que a pessoa escolhe”. Complementando o discurso de Geimer, Santaella (2012, p. 17), em suas reflexões sobre a fenomenologia de Merleau-Ponty, afirma que:

Nos estudos clássicos da percepção, de teor analítico, a sensação é tomada como elemento primário da percepção que se constitui de uma soma de sensações. Os sentidos que são dados à sensação podem variar, mas acabam por convergir para uma impressão que é produzida em um sujeito. Ora, fechada no sujeito, a sensação é destituída de significado e desligada de nossa experiência vivida. Esta, não importa quão elementar possa ser, está sempre carregada de significado.

Merleau-Ponty (2011) entende a sensação como a maneira pela qual a pessoa é afetada e a experiência de um estado de si mesma. A sensação pura se dá pela experiência de um “choque” indiferenciado, instantâneo e pontual.

Refletindo sobre estas concepções em sala de aula, como professor e aluno estão percebendo os filmes? Neste tópico procurar-se-á descrever pensamentos e experiências de alguns autores que abordam a utilização do cinema na educação.

Cinema enquanto instrumento didático

Utilizar filmes em sala de aula, quando trabalhado de forma correta e não encarados como distração ou uma forma de preencher o tempo, é um recurso eficiente. Para Mano (2011), mais do que o gosto pessoal do professor ou dos alunos, a escolha do filme deve abranger questões como: objetivo didático da atividade, adequação à faixa etária e às características da turma, informações contidas de acordo com o nível de conhecimento dos alunos, e temática do filme adequada ao ambiente escolar. A autora ainda chama a atenção para o planejamento da exibição do filme: conseguir uma cópia do filme, ver o filme anteriormente para definir como irá trabalhar a temática e decidir quais trechos serão exibidos, prever em que momento o filme será exibido e verificar com antecedência se os equipamentos necessários para exibição estão funcionando.

Moran (2013) identifica vários usos do cinema e vídeo na escola, dos quais considera alguns inadequados, como: vídeo-tapa-buraco (utilizado na ausência de um professor); vídeo-enrolação (exibição de vídeo sem ligação com a matéria); vídeo-deslumbramento (professor passa vídeo em todas as aulas); vídeo-perfeição (professor que questiona todos os defeitos dos vídeos); só vídeo (exibição de vídeo sem discussão). O autor relata que este tipo de uso desvaloriza o filme e diminui sua eficácia nas aulas, trazendo como propostas de utilização o vídeo como: sensibilização (do ponto de vista do autor, o mais importante); ilustração (mostrar o que se fala na aula); simulação (simular experiências que não podem ser feitas na sala); conteúdo de ensino (vídeo que mostra determinado assunto); e produção (quando professor e aluno fazem

o vídeo).

Mesmo com o planejamento do filme feito com antecedência pelo professor, não há como prever o tipo de percepção que os alunos terão ao vislumbrarem o filme. Todavia, o professor deve estar preparado para mediar as discussões que o filme pode gerar, tal qual Napolitano (2013, p.14-15) expõe:

As primeiras reações da classe podem ser de emoção ou tédio, de envolvimento ou displicência. As diferentes expectativas e experiências cotidianas dos alunos ao assistirem aos filmes serão o primeiro passo com relação à atividade “cinema na sala de aula”. A partir desta primeira manifestação, é preciso que o professor atue como mediador, não apenas preparando a classe antes do filme, como também propondo desdobramentos articulados a outras atividades, fontes e temas.

Os filmes, no trabalho educativo, podem ser mais do que meros instrumentos didáticos para ensinar conteúdos, eles podem ser refletidos em suas próprias linguagens e imagens, seus efeitos, suas estéticas. Podem nos levar à indagação pelas nossas experiências com eles, às mediações que acionamos nas leituras, a proliferações de sensações e pensamentos. (GUIMARÃES, GUIDO, SCARELI, 2013). Napolitano (2013) complementa esta ideia ao afirmar que o cinema, além de fazer parte do complexo da comunicação e da cultura de massa, também faz parte da indústria do lazer e compõe ainda uma obra de arte coletiva e tecnicamente elaborada. Muitas pessoas estão envolvidas na produção de um filme, e o professor não pode se esquecer destas várias dimensões ao trabalhar filmes em atividades escolares.

Para Vieira (2009), a partir do filme, o professor pode levantar questões para serem pesquisadas e discutidas em sala. O que importa é provocar a curiosidade no aluno, a ponto de que ele preste a devida atenção ao filme e consiga pensar em questões que o provoquem a agir em direção ao conhecimento.

Cinema enquanto meio de relação social

Neves (2013) entende que a imaginação pode ser enriquecida por meio da experiência do cinema, e que este ativa a nossa capacidade de estabelecer relações. Fato que tem a concordância de Geimer (2010), que relata o conhecimento de filmes como suporte para a continuidade de conversas, ou seja, o cinema pode funcionar como catalisador em situações sociais. Niemiec e Wedding (2012, p. 43), apesar de não trabalharem diretamente com a educação, corroboram com Neves ao afirmarem que “assistir a uma criatividade tão intensa em filmes pode inspirar o espectador e ajudá-lo a se tornar mais criativo”.

Em uma pesquisa com jovens de 18 a 22 anos, Geimer (2010) identificou nas narrativas escritas que a atividade social é o primeiro foco da escolha dos filmes; a história, atores ou qualidade parecem ser menos relevantes. Na investigação do autor, não há quase nenhum jovem que não exiba tal uso social dos filmes. Contudo, na pesquisa os filmes não aparecem somente como fonte de interação social, mas como experiência do mundo: muitos jovens relataram uma série de “paralelos” entre a prática exibida em um filme e suas biografias e práticas cotidianas. O autor salienta que nem todo jovem está habilitado a conectar seu próprio espaço de experiência ao espaço apresentado na tela, o que pode remeter ao enquadramento mais racional de sua orientação, que é formado por conhecimento de senso comum e não por estoque de conhecimento conjuntivo.

Cinema enquanto sensibilizador de valores ambientais

“Convenções cinematográficas expressam, de um modo mais ou menos circular, a influência mútua que cinema e sociedade exercem entre si” (DUARTE, 2002, p. 56 apud KINDEL, 2003, p. 43). É extremamente importante que o professor encare as produções cinematográficas não somente como entretenimento e ilustração do conteúdo ministrado em sala, mas também como recurso reflexivo sobre a natureza dos sistemas vivos, e veículo para explorar valores sociais, como relatam Martins e Frota (2012, p. 39) a respeito da educação ambiental:

[...] a produção do conhecimento deve necessariamente contemplar as inter-relações do meio natural com o social, incluindo o papel dos diversos atores envolvidos e as formas de organização social, pois estas aumentam o poder das ações alternativas para um novo desenvolvimento, numa perspectiva que priorize um novo perfil, com ênfase na sustentabilidade ambiental.

“[...] poder pensar o meio ambiente sob diferentes olhares é respeitar a percepção ambiental que cada indivíduo possui como valor de vida. É por meio da percepção que a imaginação acontece e o ser humano estrutura sua representação cognitiva do ambiente”. (SILVA; SAMMARCO; TEIXEIRA, 2012, p. 50-51). De acordo com Michael (2006), em educação ambiental deve-se proporcionar experiências sensoriais aos estudantes para que estes se tornem observadores atentos dos seus próprios “lugares no espaço”. A autora salienta o papel das emoções no processo de aprendizagem, e ainda defende a ideia de a pessoa se expressar da forma que achar mais conveniente.

Raingruber (2003 apud NIEMIEC; WEDDING, 2012, p. 34) “conduziu um estudo fenomenológico [...] e observou que os filmes foram eficazes na promoção da reflexão e produção de empatia e foram uma maneira eficaz de apresentar dilemas éticos [...]” para a discussão. Já Vieira (2009, p. 22) acredita que a sensibilização ambiental já está impregnada no aluno de alguma forma, e que tudo dependerá da forma como o professor apresenta o filme:

Isto é algo que torna extremamente complexa a exibição de um filme, especialmente no contexto coletivo (comercial ou escolar, por exemplo), onde existe quase que de forma natural uma percepção imediata da emoção alheia, o que pode influenciar a emoção pessoal. Isso pode ser um fator perceptível, por exemplo, em filmes de comédia (risadas altas, gerais), terror (o susto, sensação de pânico, aquele silêncio perturbador de suspense), e mesmo em documentários (o choque potencial pela exibição do “real”). A independência emocional do espectador, com relação aos demais espectadores, pode ser influenciada, portanto, e dessa forma a própria percepção pode ser comprometida.

O autor ainda comenta que seria um desafio a construção de uma metodologia que busca uma reflexão racional da imagem, além da reação emocional.

Para finalizar este tópico, Napolitano (2013) aborda que vídeos específicos sobre educação ambiental, muitas vezes, tratam as questões referentes ao meio ambiente de forma superficial e excessivamente romântica, e que apesar de consolidar valores ecológicos, são pouco explicativos a respeito da complexidade política, econômica e social. Por esta razão, é de extrema importância o papel do professor mediador, para dar subsídios e interferir nas informações dadas pelos filmes quando estas, por si só, não são suficientes.

Considerações finais

Desde sua concepção, o cinema é uma arte que deslumbra as pessoas com seu conjunto de histórias, personagens e efeitos especiais. É notório na história da arte que o ser humano, desde a Pré-história, sempre se preocupou em registrar o que via. A invenção da fotografia preparou o caminho para que o cinema viesse a surgir da combinação do princípio da lanterna mágica com as imagens fixadas em filme.

A investigação de pensamentos e experiências de diversos autores a respeito do cinema na educação permitiu reconstruir diferentes percepções do emprego geral de filmes na sala de aula.

Compreendeu-se que pela fenomenologia de Merleau-Ponty, a percepção das imagens de cinema projetadas resulta no entendimento do cinema como uma forma temporal e não uma soma de pequenos “agoras” sucessivos.

A utilização do cinema enquanto instrumento didático mostra-se bastante eficaz quando o mesmo é utilizado com o objetivo de abordar algum conteúdo, e não encarado como recurso a ser usado na ausência de um professor ou “enrolar” a aula. Salienta-se que a utilização do cinema em sala requer um trabalho prévio, com a organização dos recursos materiais e planejamento da aula.

Por fazerem parte da vida cotidiana dos jovens, filmes acabam sendo selecionados como tema de conversas. Pesquisas com estudantes de idades entre 18 e 22 anos permitiram reconstruir dois diferentes e fundamentais modos de recepção a respeito do emprego geral de filmes: interação social e experiência de mundo.

Alguns autores sugerem a utilização do cinema como recurso sensibilizador para o processo educativo em educação ambiental, destacando valores e virtudes encontradas nas produções cinematográficas. Entretanto, também alertam para a subjetividade e romantismo que alguns filmes podem trazer, destacando, neste caso, o papel do professor como mediador.

Além dos elementos identificados neste artigo, o cinema apresenta muitos outros subsídios que podem contribuir para uma pesquisa mais aprofundada. Conhecer as diferentes percepções que o cinema pode estabelecer na educação é imprescindível, pelo fato de ser uma mídia social muito utilizada nas instituições educacionais atualmente.

Referências

BERGAN, Ronald. **Guia Ilustrado Zahar: Cinema**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

ENCICLOPÉDIA BARSA. Rio de Janeiro: Encyclopaedia Britannica, 1981. v. 5.

GATTON, Matt. **First Light: Inside the Palaeolithic camera obscura in Acts of Seeing: Artists, Scientists and the History of the Visual**. London: Zidane, 2009.

GEIMER, Alexander. Práticas culturais de recepção e apropriação de filmes na perspectiva da sociologia praxeológica do conhecimento. In: WELLER, Wivian; PFAFF, Nicolle (Org.). **Metodologia da pesquisa qualitativa em educação: teoria e prática**. Petrópolis: Vozes, 2010.

GUIMARÃES, Leandro Belinaso; GUIDO, Lucia Estevinho; SCARELI, Giovana. Encontros entre o cinema, a educação e o ambiente. In: GUIMARÃES, Leandro Belinaso; GUIDO, Lucia Estevinho; SCARELI, Giovana (Org.). **Cinema, educação e ambiente**. Uberlândia: EDUFU, 2013.

KINDEL, Eunice Aita Isaia. **A natureza no desenho animado ensinando sobre homem, mulher, raça, etnia e outras coisas mais...** 2003. 195 p. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2003.

MANO, Máira Kubík. O cinema como um aliado. **Nova Escola**, edição especial 50 filmes. São Paulo, n. 37, jul. 2011.

MARTINS, Miriam da Conceição; FROTA, Paulo Rômulo de Oliveira. Novas tendências em educação ambiental. In: MENDONÇA, Ana Waley; SIQUEIRA, André Boccasius; MARCO-MIN, Fátima Elizabeti (Org.). **Educação, sociedade e meio ambiente no Estado de Santa Catarina**: múltiplas abordagens. São Leopoldo: Oikos, 2012. p. 39-50.

MERLEAU-PONTY, Maurice; [tradução Carlos Alberto Ribeiro de Moura]. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

MICHAEL, Pamela. Ajudando as crianças a se apaixonar pelo planeta Terra: Educação ambiental e artística. In: STONE, Michael K.; BARLOW, Zenobia (Org.). **Alfabetização Ecológica**: A educação das crianças para um mundo sustentável. São Paulo: Cultrix, 2006.

MORAN, José Manuel. Os vários usos do cinema e vídeo na escola. In: NAPOLITANO, Marcos. **Como usar o cinema na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2013. (Coleção Como usar na sala de aula).

NAPOLITANO, Marcos. **Como usar o cinema na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2013. (Coleção Como usar na sala de aula).

NEVES, Fátima Maria. Educação e cinema em desmundo. In: GUIMARÃES, Leandro Belinaso; GUIDO, Lucia Estevinho; SCARELI, Giovana (Org.). **Cinema, educação e ambiente**. Uberlândia: EDUFU, 2013.

NIEMIEC, Ryan M.; WEDDING, Danny. [tradução Sonia Strong]. **Psicologia positiva dos filmes**: usando filmes para construir virtudes e características fortes. Barueri: Novo Século, 2012.

SANTAELLA, Lucia. **Percepção**: fenomenologia, ecologia, semiótica. São Paulo: Cengage Learning, 2012.

SILVA, F. W.; SAMMARCO, Y. M.; TEIXEIRA, A. F. Educação ambiental lúdica: diálogos do corpo, lazer e arte. In: LISBOA, C. P.; KINDEL, E. A.; KROB, A. J. [et al.] (Org.). **Educação Ambiental**: da teoria à prática. Porto Alegre: Mediação, 2012.

VIEGAS, Susana Isabel Rainho. Olhar e memória na percepção cinematográfica. **Princípios**. Natal, v. 15, n. 24, jul/dez 2008, p. 31-44. Disponível em: <<http://www.principios.cchla.ufrn.br/arquivos/24P-31-44.pdf>>. Acesso em: 15 Jun. 2014.

VIEIRA, Fernando Zan. **A utilização didática do cinema para a aprendizagem da educação ambiental**. 2009. 139 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2009.

Artigo recebido em 15/06/15. Aceito em 17/08/15.